obsessão positiva

octavia butler

tradução de amilcar packer

parábola da semeadora (capítulos 5 e 6)

octavia butler

tradução de jota mombaça

lauren olamina e eu nos portões do fim do mundo

jota mombaça

obsessão positiva

octavia butler

tradução de amilcar packer

Minha mãe me lia para mim histórias de dormir até os meus seis anos de idade. Era um ataque furtivo de sua parte. Assim que realmente comecei a gostar das histórias ela disse: "Aqui está o livro. Agora você lê." Ela não sabia o que estava armando para nós duas.

2

"Eu acho", disse-me minha mãe um dia quando eu tinha dez anos, "que cada pessoa tem algo que sabe fazer melhor do que qualquer outra coisa que pode fazer. Cabe a ela descobrir o que é essa coisa". Estávamos na cozinha, perto do fogão. Ela apertava meu cabelo enquanto me sentava reclinada sobre um largado caderno de anotações de alguém, escrevendo. Havia decidido anotar algumas das histórias que andava contando para mim mesma ao longo dos anos. Quando não tinha histórias para ler, aprendi a inventá-las. Agora estava aprendendo a escrevê-las.

3

Eu era tímida, tinha medo da maioria das pessoas, da maioria das situações. Eu não parava para me perguntar como as coisas poderiam me machucar ou mesmo se podiam me machucar. Eu simplesmente tinha medo.

Rastejei até a minha primeira livraria cheia de medos vagos. Havia conseguido economizar cinco dólares, a maioria em trocados. Era 1957. Cinco dólares era muito dinheiro para uma criança de dez anos de idade. A biblioteca pública era minha segunda casa desde meus seis e eu possuía uma certa quantia de livros usados. Mas, agora eu queria um livro novo, um que eu tivesse escolhido, um que eu pudesse guardar. "Podem crianças vir aqui?" perguntei à mulher na caixa registradora uma vez estando lá dentro. O que queria dizer era se crianças negras podiam entrar ali. Minha mãe, nascida em área rural da Louisiana e criada sob rígida segregação racial, havia me prevenido que eu poderia não ser bem vinda em todo lugar, mesmo na Califórnia. A caixa olhou para mim. "É claro que você pode entrar", ela disse. Então, como se fosse um pensamento tardio, ela sorriu. Eu relaxei.

O primeiro livro que comprei descrevia as características de diferentes crias de cavalos. O segundo descrevia estrelas e planetas, asteroides, luas e cometas.

4

Minha tia e eu estávamos em sua cozinha, conversando. Ela cozinhava algo que cheirava bem e eu estava sentada à mesa olhando. Luxo. Em casa, estaria ajudando minha mãe.

"- Quero ser uma escritora quando crescer", eu disse.

"- Você quer?", perguntou minha tia. "Bem, isso é legal, mas você vai ter que arrumar um emprego também".

"- Escrever vai ser o meu trabalho", eu disse.

"- Você não pode escrever a todo momento. É um belo *hobby*. Mas você vai ter que ganhar a sua vida."

"- Como escritora."

"- Não seja boba."

"- Estou falando sério."

"- Querida, negras não podem ser escritores."

"- Por que não?"

"- Simplesmente não podem."

"- Sim, elas também podem!"

Eu era muito mais durona quando não tinha ideia do que estava falando. Em todos os meus treze anos, nunca havia lido uma única palavra que eu soubesse ter sido escrita por uma pessoa negra. Minha tia era uma pessoa crescida. Ela sabia mais do que eu sabia. E se ela estivesse certa?

5

Timidez é uma merda.

Não é nem bonitinho, nem feminino e nem atraente. É um tormento e é uma merda.

Passei muito tempo da minha infância e adolescência olhando para o chão. É um milagre não ter me tornado geóloga. Eu sussurrava. Pessoas sempre diziam "Fale alto! Não conseguimos te ouvir."

Eu memorizava relatos e poemas para a escola e então chorava copiosamente por ter de recitá-los. Alguns professores me condenavam por não estudar. Alguns me perdoavam por não ser muito brilhante. Apenas algumas viam a minha timidez.

"- Ela é tão introvertida", diziam alguns de meus parentes.

"- Ela é tão gentil e calma", diziam amigas delicadas de minha mãe.

Eu acreditava que era feia e estúpida, desajeitada e, socialmente, sem esperança. Eu também pensava que todos iriam notar essa falhas se eu chamasse a atenção. Eu queria desaparecer. Ao invés disso, cresci para ter mais de um metro e oitenta de altura. Os meninos em particular pareciam assumir que eu havia crescido deliberadamente e que deveria ser ridicularizada por isso tão frequentemente quanto fosse possível.

Tomei como esconderijo um grande caderno rosa de anotações, um que pudesse sustentar toda uma resma de papel. Nela fiz para mim um universo... Ali eu podia ser um cavalo mágico, uma marciana, uma telepata... Ali eu podia estar em qualquer lugar menos aqui, em qualquer tempo menos no agora, com qualquer pessoa menos essas.

6

Minha mãe era diarista. Ela tinha o hábito de trazer para casa qualquer livro que seus empregadores jogassem fora. Lhe haviam permitido apenas três anos de escola. Daí foi posta a trabalhar. Filha mais velha. Ela acreditava apaixonadamente em livros e educação. Ela queria que eu tivesse o que lhe havia sido negado.
Ela não tinha certeza sobre quais livros eu seria capaz de utilizar, então trazia qualquer coisa que encontrasse no lixo. Eu tinha livros amarelados pelo tempo, livros sem capa, livros com inscrições, coloridos, manchados, cortados, rasgados, e até mesmo parcialmente queimados. Eu os empilhava em caixotes de madeira e

estantes de segunda mão, e os lia quando estava pronta para eles. Alguns estavam anos à minha frente quando os recebia, mas neles crescia.

7

Uma obsessão, segundo meu velho dicionário Random House, é "*a dominação do pensamento ou do sentimento de uma pessoa por uma ideia, imagem, desejo, etc. persistente.*" Obsessão pode ser uma poderosa ferramenta se for obsessão positiva. Usá-la é como mirar cuidadosamente no tiro com arco.

Escolhi o tiro com arco no colegial por não ser um esporte de equipe. Eu gostava de alguns esportes de equipe, mas em tiro com arco você vai bem ou mal conforme o próprio esforço. Não haveria ninguém para culpar. Eu queria ver o que podia fazer. Aprendi a mirar alto. Mirar acima do alvo. Mirar justamente *ali*! Relaxe. Libere. Se você mirar direito, você acerta na mosca. Eu via a obsessão positiva como uma maneira de mirar a si mesmo, sua vida, ao alvo escolhido. Decida o que você quer. Mire alto. Vá em frente.

Eu queria vender uma história. Antes de saber como datilografar, eu queria vender uma história.

Eu ciscava com dois dedos minhas histórias na Remington portátil que minha mãe havia comprado para mim. Havia implorado por ela quando tinha dez e ela a tinha comprado.

"Você vai mimar essa criança!", disse-lhe uma de suas amigas. "Por que ela precisaria de uma máquina de escrever nessa idade? Em breve estará esquecida no armário com poeira por cima. Todo esse dinheiro desperdiçado!"

Pedi ao meu professor de ciência, o Sr. Paff, para datilografar uma de minhas histórias para mim –escreva da maneira como deve ser, sem buracos de apagados no papel e sem sobreposições de letras. Ele fez. Ele ainda corrigiu minha terrível ortografia e pontuação. Até o dia de hoje fico maravilhada e grata.

8

Eu não tinha a menor ideia de como submeter uma história para publicação. Eu tropeçava por entre inúteis livros de biblioteca sobre escrita. Então, achei uma

cópia descartada de *O escritor* (*The Writer*), uma revista da qual nunca havia ouvido falar. Essa edição me mandou de volta para a biblioteca procurar mais e em outras revistas de escritores para ver o que poderia aprender com eles. Em muito pouco tempo descobri como enviar e submeter uma história, e minha história estava no correio. Em poucas semanas, recebi minha primeira carta resposta de rejeição.

Quando fiquei mais velha, decidi que receber uma carta de rejeição era como se te dissessem que tua filha é feia. Você fica maluca e não acredita em uma só palavra. Além disso, veja toda a realmente feia literatura para crianças sendo publicada mundo afora e indo bem!

9

Passei boa parte da minha adolescência e dos meus vinte anos coletando rejeições impressas. Antes disso, minha mãe havia perdido $61.20 -uma taxa de leitura cobrada por um suposto agente para olhar uma de minhas histórias inéditas. Ninguém nos havia dito que agentes não deveriam receber qualquer dinheiro adiantado, não deveriam ser pagos até venderem o seu trabalho. Então poderiam pegar 10% de qualquer coisa que o trabalho ganhasse. A ignorância é cara. Esses $61.20 à época eram muito mais dinheiro do que minha mãe pagava de aluguel.

10

Eu atormentava amigos e conhecidos para que lessem meu trabalho, e eles pareciam gostar. Professores o liam e diziam gentilmente coisas inúteis. Mas não havia aulas de escrita criativa em meu ensino médio e tampouco criticismo útil. No colégio (na Califórnia nessa época, o colégio era quase gratuito) tive aulas ensinadas por uma mulher mais velha que escrevia histórias de criança. Ela era muito delicada em relação à ficção científica e à fantasia com as quais eu estava me envolvendo, mas ela finalmente perguntou com exasperação: “Será que você não pode escrever algo normal?”

Uma competição entre várias escolas foi organizada. Todas as inscrições deveriam ser feitas de maneira anônima. Minha história curta ganhou o primeiro prêmio. Eu era uma caloura de dezoito anos e ganhei, apesar da concorrência com mais velhas, com pessoas mais experientes.

11

Depois da escola trabalhei por um tempo em escritórios, depois em fábricas e fazendo trabalhos em depósitos. Meu tamanho e força eram vantagens em fábricas e depósitos. Ninguém esperava que eu sorrisse e que estivesse me divertindo.

Acordava às duas ou três da manhã e escrevia. Então ia ao trabalho. Eu odiava e não tinha o dom de sofrer em silêncio. Eu resmungava, reclamava, largava empregos e encontrava novos, assim colecionava cartas de rejeição. Um dia por desgosto joguei todas elas fora. Por que guardar tão inúteis e dolorosas coisas?

12

Parece haver uma regra tácita, que machuca e que está em desacordo com as realidades da cultura estadunidense. Ela diz que você não deve perguntar-se, como pessoa negra - como mulher negra -, se você é realmente inferior, - não suficientemente brilhante, não suficientemente rápida, não suficientemente boa para fazer as coisas que você quer fazer. Embora, é claro, você se pergunte. É esperado que você saiba que é tão boa quanto qualquer outra pessoa. E se você não sabe disso, você não deve assumir isso. Se alguém próxima a você admite isso, você deve rapidamente tranquilizá-la para que se cale. Esse tipo de conversa é embaraçosa. Haja com firmeza e confiança, e não fale de suas dúvidas. Se você nunca lidar com elas, provavelmente nunca se livrará delas, mas não importa. Engane todo mundo. Até você mesma.

Eu não conseguia enganar a mim mesma. Eu não falava muito sobre minhas dúvidas. Eu não estava à caça de tranquilidade rápida. Mas pensei muito – as mesmas coisas, de novo e de novo.

Em todo caso, quem era eu? Por que alguém deveria prestar atenção no que eu tinha a dizer? Teria mesmo algo a dizer? Eu escrevia ficção científica e fantasia, pelo amor de Deus! Nesse tempo, quase todos os escritores profissionais de ficção científica eram homens brancos. Por mais que amasse ficção científica e fantasia, o que é que eu estava fazendo?

Bem, fosse o que fosse, eu não conseguia parar. Obsessão positiva é sobre não ser capaz de parar somente porque você está com medo e cheia de dúvidas. Obsessão positiva é perigosa. É sobre não ser mesmo capaz de parar.

13

Eu tinha vinte e três quando finalmente vendi minhas primeiras duas histórias. Vendi ambas para escritores-editores que ensinavam na Clarion, uma oficina de escrita que eu frequentava. Por fim, uma das histórias acabou sendo publicada. A outra não foi. Eu não vendi nem mais uma palavra por cinco anos. Então, finalmente, vendi minha primeira novela. Graças a Deus ninguém havia me dito que vender levaria tanto tempo – não que eu tivesse acreditado. Vendi oito novelas desde então. No Natal passado, terminei de pagar a hipoteca da casa de minha mãe.

14

Então, escrevo ficção científica e fantasia para viver. Até onde sei, continuo sendo a única mulher negra que faz isso. Quando começo a fazer algumas falas públicas uma das perguntas que ouço com maior frequência é: "Para que serve ficção científica para pessoas negras?" Geralmente, quem me faz essa pergunta é uma pessoa negra. Eu dei pedaços e fragmentos de respostas que nunca me satisfizeram e que provavelmente não satisfizeram meus interlocutores. Eu me ressentia da pergunta. Porque deveria justificar minha profissão para qualquer uma?

Mas a resposta para isso era óbvia. Havia exatamente um outro escritor negro de ficção científica trabalhando com sucesso quando vendi minha primeira novela: Samuel R. Delany Jr. Agora há quatro de nós. Delany, Steven Barnes, Charles R. Saunders e eu. Tão poucos. Por quê? Falta de interesse? Falta de confiança? Uma jovem negra me disse uma vez "Eu sempre quis escrever ficção científica, mas não pensei que houvesse mulher negra alguma fazendo isso." Dúvidas se apresentam por todo tipo de maneiras. Mas ainda me perguntam: que bem pode a ficção científica trazer para as pessoas negras?

Que bem pode trazer qualquer forma de literatura às pessoas negras?

Que bem pode trazer o pensamento da ficção científica sobre o presente, o futuro e o passado? O que pode trazer sua tendência a advertir ou considerar modos alternativos de pensar e fazer? O que pode trazer seu exame dos possíveis efeitos da ciência e da tecnologia, ou organização social e direção política? No seu melhor, a ficção científica estimula a imaginação e a criatividade. Tira leitor e

escritor do terreno batido, do estreito, do estreito caminho no qual "todos" estão dizendo, fazendo – quem quer que "todos" seja esse ano.

E que bem pode isso tudo trazer para as pessoas negras?

POSFÁCIO

Esse artigo autobiográfico foi publicado originalmente na revista *Essence* sob o título "Birth of a writer" (O nascimento de uma escritora). Meu título sempre foi "Positive Obsession" (Obsessão positiva).

Eu frequentemente digo que como minha vida foi preenchida com leitura, escrita e não muito mais do que isso, e demasiado tedioso escrever sobre ela. Eu ainda sinto dessa maneira. Estou feliz por ter escrito esse ensaio, mas não apreciei escrevê-lo. Não tenho dúvidas de que a melhor e a mais interessante parte de mim é minha ficção.

parábola da semeadora (capítulos 5 e 6)

octavia butler
tradução de jota mombaça

NOTA INTRODUTÓRIA

O texto a seguir é um excerto do livro *Parable of the Sower* (1993), da escritora estadunidense de ficção científica, Octavia Butler. O livro se passa no estado da Califórnia-EUA, no ano de 2025, e narra a trajetória de Lauren Olamina, uma menina de 15 anos nascida e criada em um bairro murado, cercado pelas ruínas de um mundo outrora progressista e ordenado, mas, a esta altura, já devastado do ponto de vista da natureza, bem como da sociedade. Para esta publicação, selecionei dois capítulos sequenciados, a fim de favorecer o encadeamento das narrativas e formar uma espécie de conto, que embora não dê conta de resumir a totalidade do livro, possibilita pensar sobre questões tais como fim do mundo, segurança coletiva, conflitos éticos, estratégias de sobrevivência e desigualdade social. A potência de traduzir este fragmento é a de continuar o trabalho tão seminal quanto necessário de aproximar os escritos de Octavia Butler das pessoas leitoras em português brasileiro, especialmente no que toca este livro, cuja premissa pode vir a instigar reflexões visionárias radicais sobre inúmeras tensões políticas presentes no contexto atual do Brasil. Do meu ponto de vista, o legado de Octavia Butler segue sendo um dos mais potentes arcabouços de estratégias em potencial para seguir deformando o poder e a dominação no futuro. Infelizmente, até o presente momento quase nada foi traduzido para o português. Meu desejo é o de que iniciativas como a deste caderno se multipliquem para que assim mais pessoas que queiram possam entrar em contato com os modos como Butler percebe e imagina o mundo, as relações de força e as possibilidades de vida insuspeitadas que a imaginação é capaz de fazer existir.

5
Convicção:
Aciona e pilota a ação –
Ou não faz nada.
EARTHSEED: O LIVRO DAS COISAS QUE VIVEM

DOMINGO, 2 DE MARÇO DE 2025

Chove.

Ouvimos noite passada, no rádio, que uma tempestade estava vindo do Pacífico, mas a maioria das pessoas não acreditou nisso. “Teremos vento”, Cory disse. “Vento

e talvez algumas gotas de chuva, ou talvez apenas um clima fresco. Isso seria bem-vindo. Isso será tudo o que teremos." É assim que tem sido por seis anos.

Eu posso lembrar da chuva de seis anos atrás. A água rodopiando em volta da varanda de trás, sem chegar a ser alta o suficiente para entrar em casa, contudo, alta ao ponto de atrair meus irmãos que queriam brincar nela. Cory, sempre preocupada com infecções, não permitia. Ela dizia que isso seria brincar em uma sopa de germes com água desperdiçada que, poderíamos usar para regar nosso jardim por anos. Talvez, ela estivesse certa, mas as crianças de todo o bairro se cobriram de lama e minhocas naquele dia sem que nada terrível lhes acontecesse.

Mas aquela tempestade foi quase tropical – uma chuva de Setembro rápida, intensa e quente. O resto de um furacão que atingira a costa Mexicana do Pacífico. Desta vez, a tempestade é de inverno, portanto, mais fria. Começou nesta manhã quando as pessoas estavam voltando da igreja.

No coral cantamos, velhos e entusiasmantes hinos, acompanhados pelo piano de Cory, além dos sons de relâmpagos e trovões vindos lá de fora. Foi incrível. Algumas pessoas perderam parte do sermão, pois precisavam ir às casas pôr pra fora todos os barris, baldes, cubas e vasos possíveis para armazenar a água grátis. Outros foram para suas casas colocarem vasos e baldes do lado de dentro, nas partes onde haviam goteiras no telhado.

Eu não consigo recordar quando qualquer um de nós teve o telhado consertado por um profissional. Todos temos telhas espanholas no telhado, e está bom. Suspeito que um telhado composto por telhas seja mais seguro e duradouro do que um de madeira ou de telhas asfálticas.

Mas o tempo, os ventos, e os terremotos cobram um pedágio. Galhos de árvore desencadeiam também certos danos. Além disso, ninguém tem dinheiro extra para algo supérfluo como um reparo no telhado. Na melhor das hipóteses, alguns dos homens do bairro sobem no telhado com o material que eles conseguem catar para fazer remendos improvisados. Ninguém tem feito faz bastante tempo. Se chove só a cada seis ou sete anos, por que se preocupar?

Nosso telhado está firme até agora, e os barris e demais coisas que colocamos fora após os serviços desta manhã estão cheios ou enchendo. Água boa, limpa e gratuita vinda do céu. Se pelo menos, isso viesse mais regularmente.

SEGUNDA, 3 DE MARÇO DE 2025

Ainda chove.

Sem raios hoje, embora tenha havido alguns noite passada.

Uma garoa estável e eventuais chuvas pesadas ao longo do dia. O dia todo. Tão diferentes e lindas. Eu jamais me senti tão impressionada pela água. Eu saí e andei na chuva até ficar encharcada. Cory não queria que eu fosse, mas eu fui mesmo assim. E foi tão incrível. Como ela pode não entender isso? Foi tão incrível e maravilhoso!

TERÇA, 4 DE MARÇO DE 2025

Amy Dunn está morta.

Três anos de idade, jamais amada, e morta. Isso não parece aceitável ou mesmo possível. Ela podia ler palavras simples e contar até trinta. Eu a ensinei. Ela amava tanto ter atenção que parava diante de mim durante as horas de aula, levando-me à loucura. Não deixava que eu fosse ao banheiro sem ela.

Morta.

Eu havia aprendido a amá-la, mesmo ela sendo uma peste.

Eu hoje fui andando até em casa depois da aula. Havia adquirido o hábito de andar até a casa dela porque os Dunn não podiam enviar ninguém para buscá-la.

“Ela sabe o caminho”, Christmas disse. “Só a mande vir. Ela chegará bem aqui.”

Jamais duvidei que Amy pudesse. Ela podia olhar através da rua, da ilha central, e ver a sua casa desde a nossa, mas Amy tinha uma tendência a passear. Se a

mandasse para sua casa sozinha, ela talvez chegasse lá, ou poderia parar no jardim da família Montoya, brincar na terra, ou na casa de coelhos dos Moss, tentando libertar os coelhos. Então, eu a conduzia, feliz com a desculpa de sair na chuva outra vez. Amy amava isso também e nos demoramos por um momento sob o enorme pé de abacates da ilha. Havia um pé de laranjas-baía na parte de trás da ilha e eu colhi um par de laranjas maduras – uma para Amy e a outra para mim. Eu descasquei ambas e nós as comemos enquanto a chuva fez o ralo cabelo sem cor de Amy colar sobre a sua cabeça, fazendo com que parecesse careca.

Eu a levei até a porta de casa e a deixei sob os cuidados de sua mãe.

"Você não devia tê-la deixado tão molhada", Tracy reclamou.

"Você também deveria curtir a chuva enquanto não acaba", eu disse e então as deixei.

Eu vi Tracy empurrar Amy para dentro de casa e depois bater a porta. Ainda assim, de alguma forma, Amy acabou lá fora de novo, acabou perto do portão da frente, no lado oposto da casa das famílias Garfield/Balter/Dory. Jay Garfield a encontrou lá quando ele saiu para investigar o que pensou ter sido outro pacote que alguém lançara por sobre o portão. As pessoas arremessam coisas às vezes – presentes de ódio e inveja: uma carcaça de animal repleta de vermes; uma sacola de merda; até membros humanos e crianças mortas são, ocasionalmente, jogados. Adultos mortos foram deixados deitados próximos ao nosso muro. Contudo, esses eram todos de fora. Amy era uma de nós.

Alguém acertou Amy através do portão de ferro. Havia de ser um tiro acidental, porque não dá pra ver através do portão lá de fora. A pessoa que atirou, disparou ou contra alguém que estava na frente do portão ou contra o próprio portão, contra o bairro, contra nós e nosso "suposto" conforto e privilégio. A maioria das balas jamais teria passado pelo portão. Ele é à prova de balas. Embora já tivesse sido penetrado outras vezes antes, no alto, perto do topo. Agora, já temos seis novos buracos de bala na parte de baixo – seis buracos e uma sétima cavidade, na qual uma bala de baixo calibre certa vez ricocheteou sem atravessar o metal.

Nós costumamos ouvir som de tiro, de dia e à noite - quer disparos isolados, quer estranhas rajadas de armas automáticas, e até mesmo explosões de

artilharia pesada, granadas ou bombas ainda maiores -. São com elas que nos preocupamos mais, contudo são bastante raras.

É mais difícil roubar armas grandes, e a maioria das pessoas que vivem ao redor daqui não podem pagar pelas ilegais – é isso que meu pai diz. O fato é: ouvimos tantos tiros que já não os ouvimos de verdade. Um casal de filhos dos Balter disse ter ouvido algo, mas como de costume, não deram atenção a isso. No fim das contas, fora do lado de lá, além do muro. A maioria de nós não ouviu nada além da chuva.

Amy ia completar quatro anos em algumas semanas. Eu havia planejado dar a ela uma pequena festa com meus alunos do jardim de infância.

Deus, eu odeio esse lugar.

Digo, eu amo. É minha casa. Essas são as minhas pessoas. Mas odeio ao mesmo tempo. É como uma ilha cercada de tubarões – com a diferença de que os tubarões não te incomodam se você não entrar na água. Mas esses tubarões terrestres estão vindo. É tudo uma questão de quanto tempo leva para que eles fiquem famintos o suficiente.

QUARTA, 5 DE MARÇO DE 2025

Andei na chuva outra vez nesta manhã. Estava frio, mas agradável. Amy já havia sido cremada. Eu fiquei me perguntando se sua mãe ficara aliviada. Ela não parecia aliviada. Ela nunca gostou da Amy, mas agora estava chorando. Eu não acho que ela estivesse fingindo. A família gastou um dinheiro que não podia para envolver a polícia no caso e tentar achar o assassino. Eu suspeito que o único benefício que isso trará é a expulsão das pessoas que vivem nas calçadas e ruas próximas do nosso muro. Será que isso é bom? A população pobre de rua voltará, e não ficará feliz conosco por termos colocado a polícia contra ela. É ilegal acampar nas ruas do modo como eles acampam – do modo como têm de acampar – então, os policiais os enxotam, roubam qualquer coisa que tenham e valha a pena ser roubada e então os obriga a ir embora, ou os prende. Essa gente miserável há de ser feita ainda mais miserável. Nenhum deles pode ajudar Amy. Entretanto, eu suponho que isso fará a família Dunn sentir-se melhor pelo modo como a tratava.

Sábado, meu pai vai rezar o funeral da Amy. Eu queria não ter que estar presente. Funerais geralmente não me incomodam, mas esse certamente.

"Você se importava com ela", Joanne Garfield me disse quando eu reclamei. Nós almoçamos juntas hoje. Comemos no meu quarto porque ainda está chovendo e o resto da casa estava cheia das crianças que não foram para casa almoçar.

Mas o meu quarto ainda é meu. É o único lugar do mundo no qual eu posso ir sem ser seguida por alguém que eu não convide. Eu sou a única pessoa que conheço que tem um quarto só seu. Até mesmo meu pai e Cory batem antes de abrir a porta. Essa é a melhor coisa sobre ser a filha única de uma família. Eu tenho que empurrar meus irmãos para fora o tempo todo, mas, pelo menos, eu posso pô-los para fora. Joanne é filha única, mas ela divide o quarto com suas três primas mais novas – Lisa, chorona, sempre pedindo coisas e reclamando; a esperta e sorridente Robin, com seu Q.I de quase-gênia; e Jéssica, que sussurra e olha fixamente para o próprio pé e chora se você a olha com agressividade. As três são da família Balters – irmãs de Harry e filhas da irmã da mãe de Joanne. As duas irmãs adultas, seus maridos, 8 filhas e seus pais Sr. e Sra. Dory se apertam em uma casa de 5 quartos. Não é a casa mais lotada do bairro, mas estou feliz por não ter de viver dessa maneira.

"Quase ninguém ligava para a Amy", Joanne disse. "Mas você sim."

"Depois do incêndio, eu passei a me importar", eu disse. "Eu fiquei com medo por ela. Antes disso, eu a ignorava como todo mundo".

"Então, agora você está se sentindo culpada?"

"Não."
"Sim, você está."

Eu olhei para ela, surpresa. "Quero dizer... Não. Eu odeio que ela esteja morta, e sinto sua falta, mas eu não causei essa morte. Eu apenas não posso negar o que tudo isso tem a dizer sobre nós."

"O quê?"

Eu me vi prestes a falar com ela coisas que eu jamais havia falado. Eu tenho escrito sobre essas coisas. Às vezes, escrevo para evitar enlouquecer. Há um mundo de coisas que eu não me sinto livre para falar com ninguém.

Mas Joanne é uma amiga. Ela me conhece melhor do que a maioria das pessoas, e ela é inteligente. Por que não falar com ela? Mais cedo ou mais tarde, eu terei que falar com alguém. "O que há de errado?", ela perguntou enquanto abria uma vasilha de plástico com uma salada de grãos. Agora ela repousou isso sobre a minha mesa noturna.

"Você nunca se pergunta se, talvez, Amy e a Sra. Sims são as sortudas?" Eu perguntei. "Quero dizer, você nunca se pergunta o que vai acontecer com o restante de nós?"

Ouvimos o estalar abafado de um trovão, e uma chuva forte começou repentinamente. A previsão do tempo na rádio disse que a chuva de hoje seria a última da tempestade que durava quatro dias. Eu espero que não.

"Claro que eu penso sobre isso." disse Joanne. "Com pessoas atirando em crianças pequenas, como eu posso não pensar sobre isso?"

"As pessoas têm matado crianças pequenas desde que elas existem." eu disse.

"Não aqui. Não até agora."

"Exato. É isso, não é? Nós recebemos um aviso. Mais um."

"O que é que você está dizendo?"

"Amy foi a primeira de nós a ser morta dessa maneira. Ela não será a última."

Joanne suspirou, e havia um pequeno tremor no suspiro. "Então você pensa assim também."

"Sim. Mas eu não sabia que você também pensava sobre isso."

"Estupros, assaltos, e agora assassinato. É claro que eu penso sobre isso. Todo mundo pensa sobre isso. Todo mundo se preocupa. Eu gostaria de poder dar o fora daqui."

"Para onde você iria?"

"É isso, não é? Não há para onde ir."

"Deve haver..."

"Não se você não tem grana. Não se tudo o que você sabe fazer é cuidar de bebês e cozinhar."

Eu balancei minha cabeça. "Você sabe muito mais do que isso."

"Talvez, mas nada disso importa. Eu não serei capaz de pagar os estudos. Eu não serei capaz de arrumar um trabalho e sair da casa dos meus pais, porque nenhum trabalho que eu consiga me sustentaria e não há locais seguros para ir. Merda, meus pais ainda moram com seus pais."

"Eu sei," eu disse. "E, tão ruim quanto isso, há mais."

"Quem precisa de mais? Isso é suficiente!" Ela começou a comer a salada de grãos. Parecia bom, mas eu pensei que estava prestes a arruinar isso para ela.

"Há cólera se espalhando ao sul de Mississippi e Louisiana," eu disse. "Ouvi isso no rádio ontem. Há muitas pessoas empobrecidas – iletradas, sem trabalho, sem casa, sem condições mínimas de higiene ou água potável. Eles têm muita água por lá, mas a maior parte está poluída. E você sabe daquela droga que faz as pessoas quererem iniciar incêndios?"

Ela acenou com a cabeça, mastigando.

"Está se espalhando de novo. Estava na costa Leste, agora chegou à Chicago. As notícias dizem que ela faz o ato de assistir incêndios ser até melhor do que sexo. Eu não sei se os repórteres estão condenando-a ou fazendo propaganda dela."

Eu respirei fundo. “Tornados estão destruindo tudo no Alabama, Kentucky, Tennessee, e em dois ou três estados mais. Trezentas pessoas mortas até agora. E há uma nevasca congelando a parte Norte do Centro-Oeste, matando ainda mais gente. Em Nova York e Nova Jersey, uma epidemia de sarampo está matando as pessoas. Sarampo!”

“Eu ouvi falar sobre o sarampo,” Joanne disse. “É estranho. Mesmo que as pessoas não possam pagar pelas imunizações, sarampo não deveria matar.”

“Essas pessoas já estão meio mortas,” eu disse a ela. “Elas passaram pelo frio do inverno famintas e já com outras doenças. E não, obviamente elas não podem pagar pelas imunizações. Nós temos a sorte de que nossos pais arranjaram dinheiro para pagar por todas as nossas imunizações. Se nós tivéssemos filhos, eu não vejo como seríamos capazes de fazer pelo menos isso por eles.”

“Eu sei, eu sei.” Ela soou quase chateada. “As coisas estão ruins. Minha mãe tem a esperança de que esse novo cara, o Presidente Donner, comece a nos levar de volta ao estado normal.”

“Normal,” eu resmunguei. “Eu me pergunto o que isso significa. Você concorda com a sua mãe?”

“Não. Donner não tem chance. Eu acho que ele consertaria as coisas caso pudesse, mas Harry diz que suas ideias são assustadoras. Harry diz que ele fará o país retroceder cem anos.”

“Meu pai diz coisas parecidas. Eu estou surpresa que Harry concorde.”

“Ele concorda. Seu próprio pai acha que Donner é Deus. Harry jamais concordaria com ele em coisa alguma.”

Eu ri, distraída, pensando nas batalhas de Harry com o próprio pai. Eram como fogos de artifício no bairro – muitos clarões, mas nenhum fogo de verdade.

“Por que você insiste em falar nessas coisas?” perguntou Joanne, trazendo-me de volta ao fogo real. “Não podemos fazer nada a respeito.”

"Nós precisamos fazer."

"Precisamos fazer o quê? Temos 15 anos! O que podemos fazer?"

"Nós podemos ficar prontas. Isso é o que precisamos fazer agora. Ficar prontas para o que está prestes a acontecer, ficar prontas para sobreviver a isso, para continuar vivas. Concentrar-nos em organizar tudo para sobreviver de modo que possamos fazer mais do que somente ser atacadas por gente maluca, gente desesperada, bandidos e líderes que não sabem o que estão fazendo."

Ela ficou me olhando. "Eu não sei do que você está falando."

Eu estava jogando rápido demais, talvez. "Eu estou falando sobre esse lugar, Jo, esse beco sem saída com um muro ao redor. Eu estou falando sobre o dia em que uma grande gangue dessa gente faminta, desesperada e maluca que vive lá fora, vai decidir entrar. Eu estou falando sobre o que precisamos fazer antes que isso aconteça para que possamos sobreviver e reconstruir – ou pelo menos sobreviver e escapar para sermos outra coisa que não pedintes."

"Alguém irá simplesmente destruir nosso muro e entrar?"

"É mais provável que explodam o muro, ou explodam o portão. Isso acontecerá algum dia. Você sabe disso tão bem quanto eu."

"Oh, não, eu não sei!" protestou. Ela se sentou ereta, quase rígida, seu almoço esquecido por um momento. Eu mordi um pedaço de pão de nozes[1] que estava repleto de frutas secas e castanhas. É meu favorito, mas eu mastiguei e engoli sem sentir o gosto.

1. "Pão de Nozes" aparece aqui como tradução de "Acorn Bread". Acorn é a noz do Carvalho, uma espécie tipicamente usada por alguns povos originários das regiões hoje compreendidas como América do Norte. Em português, "acorn" pode ser traduzido como "bolota". "Pão de Bolota" é um prato relativamente comum no contexto de Portugal, mas como no Brasil poucas são as pessoas que conhecem esse tipo de noz, preferi não substituir o termo "Bolota" por um mais genérico, "Noz".

“Jo, nós estamos com problemas. Você já admitiu isso.”

“Claro,” ela disse. “Mais tiros, mais invasões. Foi isso que eu quis dizer.”

“E é isso que acontecerá por um tempo. Eu gostaria de saber por quanto tempo. Nós apanharemos, apanharemos e apanharemos, e, então, o grande golpe virá. E se nós estivermos prontas para isso, será como em Jericó.”

Ela se manteve rígida, em rejeição. “Você não sabe disso! Você não pode ler o futuro. Ninguém pode.”

“Você pode,” eu disse, “se você quiser. É assustador, mas uma vez que você atravessa o medo, é fácil. Em L.A. algumas comunidades muradas, maiores e mais fortes que esta, simplesmente não estão mais lá. Não restou nada senão ruínas, ratos, e pessoas ocupando. O que aconteceu a eles pode acontecer conosco. Nós morreremos aqui a não ser que nos ocupemos agora na elaboração de maneiras de sobreviver.”

“Se você pensa assim, por que você não conta aos seus pais? Avise-os e veja o que eles dirão.”

“Eu pretendo fazer isso assim que eu pensar em uma maneira de alcançá-los. Além disso... Eu acho que eles já sabem. Eu acho que meu pai sabe, de qualquer forma. Eu acho que a maioria dos adultos sabem. Eles não querem saber, mas eles sabem.”

“Minha mãe pode estar certa sobre o Donner. Ele pode realmente fazer algum bem.”

“Não. Donner não passa de um corrimão humano,”

“De quê?”

“Quer dizer que ele é como... como um símbolo do passado em que podemos nos apegar enquanto somos empurradas para o futuro. Ele é nada. Substância nenhuma. Mas ter ele lá, o último de uma linhagem de dois séculos e meio de presidentes americanos, faz as pessoas sentirem que o país, a cultura na qual

elas cresceram, ainda está lá – que podemos atravessar esses tempos maus até tudo voltar ao normal."

"Nós podemos," ela disse. "Nós podemos. Eu acho que um dia nós conseguiremos." Não, ela não acreditava nisso. Ela é brilhante demais para se apegar a qualquer coisa que não fosse o conforto mais superficial da sua negação. Sendo que, mesmo conforto superficial é melhor do que nada, eu acho. Tentei outra tática. "Você já leu sobre a peste bubônica na Europa medieval?" eu perguntei.

Ela assentiu com a cabeça. Ela lê muito e, assim como eu, lê todo tipo de coisa. "Boa parte do continente ficou despovoado," ela disse. "Algumas das pessoas que sobreviveram pensaram que o mundo estava acabando."

"Sim, mas logo perceberam que não estava, perceberam também que havia muita terra a ser retomada, e que se tivessem um comércio, poderiam demandar melhor pagamento pelo seu trabalho. Muitas coisas mudaram para as pessoas que sobreviveram."

"O que quer dizer?"

"As mudanças." Eu pensei por um momento. "Elas foram mudanças lentas comparadas ao que pode vir a acontecer aqui, mas precisou acontecer uma peste para que algumas pessoas se dessem conta de que as coisas podiam mudar."

"E então?"

"As coisas também estão mudando agora. Nossos adultos não foram exterminados por uma praga, então eles ainda estão ancorados no passado, esperando que voltem os dias gloriosos. Mas as coisas mudaram muito, e mudarão ainda mais. As coisas estão sempre mudando. Desta vez será apenas um grande salto, ao invés das pequenas mudanças passo a passo que são mais fáceis de lidar. As pessoas mudaram o clima do mundo. Agora, elas estão esperando que os velhos dias do passado voltem."

“Seu pai diz não acreditar que as pessoas mudaram o clima a despeito do que dizem os cientistas. Ele diz que apenas Deus pode mudar o mundo de um modo tão crucial.”

“Você acredita nele?”

Ela abriu a boca, me olhou, e então voltou a fechá-la. Depois de um tempo, ela disse, “eu não sei.”

“Meu pai tem seus pontos cegos,” eu disse. “Ele é a melhor pessoa que conheço, contudo, mesmo ele tem seus pontos cegos.”

“Isso não faz nenhuma diferença,” ela disse. “Nós não podemos fazer o clima mudar de volta, nem importa porque ele mudou. Você e eu não podemos. Nosso bairro não pode. Nós não podemos fazer nada.”

Eu perdi a paciência. “Então vamos nos matar agora e resolver isso de uma vez!”

Ela fez uma cara feia, muito séria, quase furiosa. Ela rasgou pedaços da casca de uma pequena laranja-baía. “O que então?” perguntou. “O que nós podemos fazer?”

Eu coloquei o último pedaço do meu pão de nozes de lado, e me aproximei dela no meu criado-mudo. Eu peguei vários livros do fundo da gaveta de baixo e mostrei a ela. “É isso que eu tenho feito – lendo e estudando esses livros ao longo dos últimos meses. Esses livros são velhos como todos os livros nesta casa. Eu também tenho usado o computador do meu pai quando ele permite – para acessar coisas novas.”

Franzindo o rosto, ela olhou os livros: Três sobre sobrevivência em regiões selvagens; três sobre armas e tiros; dois sobre como lidar com emergências médicas; sobre plantas nativas da Califórnia e seus usos; e necessidades básicas de vida: noções de construção de cabanas, criação de gado, cultivo de plantas, fabricação de sabão – esse tipo de coisa. Joanne pegou um de cada vez.

“O que você está fazendo?” ela perguntou. “Tentando aprender a viver lá fora?”

"Eu estou tentando aprender tudo o que eu puder e que possa me ajudar a sobreviver lá fora. Eu acho que deveríamos todos estudar livros como estes. Acho que deveríamos enterrar dinheiro e outras coisas necessárias no chão, onde ladrões não os poderão encontrar. Deveríamos fazer kits de emergência e kits de fuga – caso tenhamos que sair daqui com pressa. Dinheiro, comida, roupa, fósforos, um cobertor... Eu acho que deveríamos definir espaços lá fora onde podemos nos encontrar caso sejamos separados. Eu penso em um monte de coisas. E eu sei – eu sei! – que não importa quantas coisas eu pense, nada será o suficiente. Sempre que eu saio, eu tento imaginar como seria viver lá fora, sem muros, e eu percebo que não sei nada."

"Então por que..."

"Eu pretendo sobreviver."

Ela me olhou fixamente.

"Eu quero aprender tudo o que posso enquanto eu posso," eu disse. "Se eu for parar do lado de fora, talvez as coisas que eu aprendi me ajudem a viver o suficiente para aprender mais."

Ela me deu um sorriso nervoso. "Você tem lido histórias de aventura demais," ela disse.

Eu franzi o rosto. Como eu poderia alcançá-la. "Nada disso é piada, Jo."

"E o que é então?" Ela comeu o último gomo da sua laranja. "O que você quer me dizer?"

"Eu quero que você seja séria. Eu me dei conta de que não sei muito. Nenhum de nós sabe muito. Mas podemos todos aprender mais. E então, ensinar uns aos outros. Podemos parar de negar a realidade ou torcer para que ela mude magicamente."

"Não é isso que eu estou fazendo."

Eu olhei para a chuva pela janela por um momento, me acalmando. “Tá bem. O que você está fazendo?”

Ela olhou desconfortavelmente. “Eu ainda não tenho certeza de que podemos realmente fazer algo.”

“Jo!”

“Diga-me algo que eu possa fazer que não vai me criar problemas ou acharem que estou maluca. Apenas me diga algo.”

Finalmente. “Você já leu todos os livros da sua família?”

“Parte deles. Não todos. Nem todos valem a pena. Livros não nos salvarão.”

“Nada irá nos salvar. Se não salvarmos a nós mesmas, morreremos. Agora use a sua imaginação. Há algo nas estantes de livro da sua família que pode te ajudar caso você fique presa do lado de fora?”

“Não.”
“Você respondeu rápido demais. Volte para casa e olhe outra vez. E como eu disse, use a sua imaginação. Qualquer tipo de informação acerca de sobrevivência em enciclopédias, biografias, qualquer coisa que te ajude a aprender como viver do lado de fora e a nos defender. Mesmo alguma ficção pode ser útil.”

Ela me deu um olhar de soslaio. “Aposto que sim,” ela disse.

“Jo, se você jamais precisar dessa informação, saber disso não vai te causar nenhum dano. Você apenas saberá um pouco mais do que você sabia antes. E aí? Além disso, você toma notas quando lê?”

Olhar cauteloso. “Às vezes.”

“Leia esse.” Eu entreguei a ela um dos livros sobre plantas.

Era um livro sobre os povos originários da Califórnia, as plantas que usavam e o modo como as utilizavam – um livrinho interessante e divertido. Ela ficaria surpresa. Não havia nada naquilo que a assustasse, ameaçasse ou desafiasse. Eu pensei que eu já havia feito suficiente disso.

"Tome notas," eu disse a ela. "Vai te ajudar a memorizar melhor."

"Eu ainda não acredito em você," ela disse. "As coisas não têm que ser tão ruins como você diz que são."

Eu coloquei o livro em suas mãos. "Espere até ver suas notas," eu disse. "Preste atenção especialmente às plantas que crescem entre aqui e a costa e entre aqui e Oregon ao longo da costa. Eu as marquei."

"Eu disse que não acredito em você."

"Eu não ligo."

Ela olhou para o livro, passou as mãos sobre a encadernação de tecido e papelão pretos. "Então a gente aprende a comer grama e viver nos arbustos," resmungou.

"Aprendemos a sobreviver," eu disse. "É um livro legal. Cuide bem dele. Você sabe como meu pai é cuidadoso com os livros dele."

QUINTA-FEIRA, 6 DE MARÇO DE 2025

A chuva parou. Minhas janelas estão do lado Norte da casa, e eu posso ver as nuvens se rompendo. Elas estão se dissipando sobre as montanhas em direção ao deserto. É surpreendente o quão rápido se movem. O vento é forte e frio agora. Ele deve nos custar algumas árvores. Eu fico pensando quantos anos se passarão antes que possamos ver a chuva outra vez.

6

Quem está se afogando
Às vezes morre
Lutando contra o seu salva-vidas.

SÁBADO, 8 DE MARÇO DE 2025

Joanne contou.

Ela contou à mãe, que contou ao pai, que contou ao meu pai, que veio ter uma daquelas conversas sérias comigo.

Maldita seja. Maldita seja!

Eu a vi hoje no culto que fizemos à Amy, e ontem na escola. Ela não disse uma palavra sobre o que tinha feito. Acontece que ela contou à mãe na quinta. Talvez, isso deveria ter sido um segredo entre elas ou algo do tipo. Mas, ah, Phillida Garfield estava tão preocupada quanto a mim, tão preocupada. E ela não gostou que eu tenha assustado a Joanne. Joanne estava assustada? Não assustada o suficiente para usar seu cérebro, ao que parece. Joanne sempre pareceu tão sensível. Ela pensou que me colocar em apuros faria o perigo passar? Não, não foi isso. Isso é só mais negação: um jogo burro de "se não falarmos sobre as coisas ruins, talvez elas não aconteçam." Idiota! Eu jamais serei capaz de contar algo importante para ela de novo.

E se eu tivesse me aberto ainda mais? E se eu tivesse falado sobre religião com ela? Eu queria. Como eu seria capaz de falar com qualquer um sobre isso?

O que eu disse a ela fez seu caminho de volta para mim esta noite.

Sr. Garfield falou com meu pai depois do funeral. Foi como o jogo de telefone sem-fio que as crianças brincam. A mensagem fez todo o caminho desde "Nós estamos em perigo aqui e teremos de trabalhar duro para nos salvar" até "Lauren está falando sobre fugir porque ela tem medo que as pessoas de fora se rebelem, derrubem os muros e matem a todos nós."

Bem, eu havia dito parte disso, e Joanne deixou bem claro que concordava. Mas, eu não apenas lancei maus agouros: "Nós vamos morrer, blá blá blá." Qual seria o sentido disso? Ainda assim, só a parte negativa voltou pra mim.

"Lauren, o que você disse a Joanne?" meu pai quis saber. Ele veio até o meu quarto depois do jantar quando deveria estar a fazer os últimos preparativos para o sermão de amanhã. Ele sentou na minha cadeira e me olhou como se quisesse dizer "O que passa pela sua cabeça, garota? Qual é o problema com você?" Aquele olhar e a menção ao nome de Joanne me disseram sobre o que se tratava aquilo. Minha amiga Joanne.

Maldita seja!

Eu sentei na minha cama e olhei de volta para ele. "Eu contei a ela que nós estamos passando por tempos ruins e perigosos," eu disse. "Eu a alertei sobre precisarmos aprender tudo o que pudermos agora, para assim sobrevivermos."

Foi quando ele me contou o quão perturbada a mãe de Joanne estava, o quão perturbada Joanne estava, e como elas pensaram que eu precisasse "falar com alguém," porque eu pensava que o nosso mundo estava chegando ao fim.

"Você acha que nosso mundo está prestes a acabar?" meu pai perguntou, e sem qualquer aviso, eu quase comecei a chorar. Eu havia feito todo o possível para guardar isso comigo. O que eu pensei foi "Não, eu acho que o seu mundo está chegando ao fim, e talvez com você junto." Isso era terrível. Eu jamais tinha pensado nisso de forma tão pessoal. Eu virei e olhei pela janela até me sentir mais calma. Quando eu o olhei de volta, disse: "Sim, você não?"

Ele franziu o rosto. Eu não acho que ele esperasse que eu dissesse aquilo.

"Você tem quinze anos," ele disse. "Você não entende realmente o que está acontecendo aqui. Os problemas que temos agora vêm sendo construídos desde antes de você nascer."

"Eu sei."

Ele ainda estava com a cara fechada. Eu me perguntei sobre o que ele queria que eu dissesse. "O que você estava fazendo, então?" ele perguntou. "Por que você disse aquelas coisas para Joanne?"

Eu decidi seguir falando a verdade ao máximo possível. Eu odeio mentir para ele.
"O que eu disse era verdade," eu insisti.

"Você não precisa dizer tudo o que você acha que sabe," ele disse. "Você ainda não se deu conta disso?"

"Joanne e eu éramos amigas," eu disse. "Eu pensei que podia falar com ela."

Ele balançou a cabeça. "Essas coisas assustam as pessoas. É melhor não falar com elas sobre isso."

"Mas, pai, isso é como... como ignorar um incêndio na sala de estar porque estamos todas na cozinha e, ainda por cima, incêndios em casa são muito assustadores para que toquemos no assunto."

"Não alerte Joanne ou nenhum de seus outros amigos," ele disse. "Não agora. Eu sei que você acredita estar certa, mas você não está fazendo nenhum bem. Você está apenas criando pânico."

Eu consegui suprimir um acesso de raiva mudando um pouco de assunto.
Às vezes o melhor modo de convencer meu pai é confrontá-lo em diferentes direções.

"O Sr. Garfield devolveu seu livro?" eu perguntei.

"Qual livro?"

"Eu emprestei à Joanne um livro sobre plantas da Califórnia e o modo como os povos originários as usavam. Era um de seus livros, sinto muito por tê-lo emprestado. Ele é tão neutro, eu não achei que pudesse causar problemas. Mas parece que me enganei."

Ele pareceu espantado e aí quase sorriu. "Sim, eu precisarei daquele de volta, tudo bem. Você jamais teria comido o pão de nozes de que gosta tanto se não fosse esse livro – sem contar com algumas outras coisas com que nos importamos."

"O pão de nozes...?"

Ele assentiu com a cabeça. "A maioria das pessoas nesse país não come nozes, você sabe. Eles não têm tradição em comê-las, não sabem como prepará-las, e por alguma razão, eles acham nojenta a ideia de comê-las. Alguns dos nossos vizinhos queriam cortar o nosso grande pé de carvalho para plantar algo útil. Você nem imagina o tempo que levou para convencê-los."

"O que as pessoas comiam antes?"

"Pão feito de trigo e outros grãos – milho, centeio, aveia... coisas assim."

"Muito caro!"

"Não costumava ser. Pegue de volta o livro com Joanne." Ele respirou fundo. "Agora, vamos deixar pra lá essa conversa e voltar a falar no que interessa. O que você estava planejando? Você tentou convencer Joanne a fugir?

Então eu o fitei. "É claro que não."

"O pai dela disse que você tentou sim."

"Ele está errado. Falamos sobre continuar vivas, aprendendo a viver lá fora para que fôssemos capazes disso caso não tivéssemos outra escolha."

Ele me olhou como se pudesse ler a verdade em minha mente. Quando eu era pequena, eu costumava pensar que ele podia.

"Tá bem," ele me disse. "Você deve ter feito bem, contudo chega de conversas assustadoras."

Eu achei que ele fosse gritar comigo ou me punir. Sua voz continha aquela pontinha de advertência que eu e meus irmãos passamos a chamar chocalho – como o som de advertência de uma cascavel. Se você o fizesse ir além do chocalho, você estava em apuros. Se ele te chamasse "filho" ou "filha" você estava quase em apuros.

“Por que?” eu insisti.

“Porque você não tem ideia alguma do que está fazendo,” ele disse. Ele enrugou a testa. Quando ele falou de novo, aquele tom de voz havia sumido. “É melhor ensinar as pessoas do que assustá-las, Lauren. Se você as assusta nada acontece, elas perdem a fé e você perde um pouco de sua autoridade com elas. É mais difícil assustá-las uma segunda vez, mais difícil ensiná-las, mais difícil ganhar de volta a confiança delas. Melhor começar ensinando.”

“Ensinando... aos meus alunos do jardim de infância?”

“Por que não? Inicie-os com o pé direito. Você poderia até mesmo juntar crianças mais velhas e pessoas adultas em uma aula. Algo como as aulas de escultura em madeira do Sr. Ibarra, as de bordado da senhora Balter e as palestras sobre astronomia do jovem Robert Hsu. As pessoas estão entediadas. Elas não iam se importar com mais aulas informais agora que perderam a televisão dos Yannis. Se você conseguir pensar em maneiras de entretê-los e ensiná-los ao mesmo tempo, você colocará seu conhecimento para fora. E tudo isso sem fazer ninguém olhar pra baixo.

“Olhar pra baixo...?”

“Para o abismo, filha,” mas, eu já não estava mais com problemas. Não àquela altura. “Você apenas se deu conta do abismo,” ele prosseguiu. “Os adultos desta comunidade têm se balançado na beira dele por mais tempo do que você tem de vida.”

Eu me levantei, fui até ele, peguei sua mão. “Está piorando, pai.”

“Eu sei.”

“Talvez seja a hora de olhar para baixo. A hora de procurar algum suporte para as mãos e os pés antes de sermos puxadas.”

“É por isso que temos práticas de tiro toda semana e cerca de lazer e a campainha de emergência. Sua ideia de kits de emergência é boa. Algumas

pessoas já os tem. Para terremotos. Outras passarão a ter caso eu sugira. E, é claro, algumas não farão nada. Haverá sempre pessoas que não farão nada."

"Você vai sugerir isso?"

"Sim. Na próxima da reunião da associação de moradores."

"O que mais podemos fazer? Nada disso é rápido o suficiente."

"Terá de ser." Ele se levantou, era uma parede humana alta e larga. "Por que você não pergunta por aí, vê se alguém no bairro sabe algo sobre artes marciais. Você precisa de mais do que um ou dois livros para aprender sobre boas e confiáveis formas de combate sem armas."

Eu pisquei. "Tá bem.

"Cheque com o velho Sr. Hsu e com o sr. e a Sra. Montoya."

"Sr. e Sra.?"

"Eu acho que sim. Fale com eles sobre aulas, não sobre o apocalipse."

Eu olhei para ele, e ele mais do que nunca pareceu uma parede, em pé e esperando. E ele tinha me oferecido muito – tudo o que eu conseguiria, eu suspeitava. Suspirei.

"Tá bem, pai, eu prometo. Eu tentarei não assustar mais ninguém. Eu só espero que as coisas se mantenham assim tempo suficiente para conseguirmos fazer do seu jeito."

Ele fez eco com meu suspiro. "Finalmente. Boa. Agora venha comigo. Há algumas coisas importantes enterradas no quintal em caixas seladas. É tempo para você saber onde elas estão – por via das dúvidas."

DOMINGO, 9 DE MARÇO DE 2025

Hoje, meu pai pregou a partir do Gêneses seis, A arca de Noé: "E viu o Senhor que a maldade do homem se multiplicara sobre a terra e que toda a imaginação dos pensamentos de seu coração era só má continuamente. Então arrependeu-se o Senhor de haver feito o homem sobre a terra e pesou-lhe em seu coração. E disse o Senhor: Destruirei o homem que criei de sobre a face da terra, desde o homem até o animal, até o réptil, e até a ave dos céus; porque me arrependo de os haver feito. Noé, porém, achou graça aos olhos do Senhor."

E mais tarde então, é claro, Deus disse a Noé, "Faze para ti uma arca da madeira de gofer; farás compartimentos na arca e a betumarás por dentro e por fora com betume."

Meu pai focou na dupla natureza dessa situação. Deus decide destruir tudo exceto Noé, sua família e alguns animais. Mas se Noé será salvo, terá bastante trabalho pesado a fazer.

Joanne veio ter comigo depois da igreja e disse que sentia muito por toda aquela loucura. "Tá bem," eu disse.

"Amigas ainda?" ela perguntou.

E eu rodeei: "Não inimigas, de toda forma. Devolva o livro do meu pai. Ele o quer."

"Minha mãe o pegou. Eu não pensei que ela fosse ficar tão perturbada."

"O livro não é dela. Traga-o de volta. Ou faça seu pai devolvê-lo ao meu. Eu não ligo. Mas ele quer o livro."

"Tá certo."

Eu a vi sair de casa. Ela parece tão confiável – alta, reta, séria e inteligente – que eu ainda me sinto inclinada a confiar nela. Mas não posso.

Eu não posso. Ela não tem ideia do quão ela poderia ter me ferido caso eu tivesse dado a ela só mais algumas palavras para usarem contra mim. Eu não acredito

que vá confiar nela outra vez, e eu odeio isso. Ela era minha melhor amiga. Agora não é mais.

QUARTA-FEIRA, 12 DE MARÇO DE 2025

Ladrões de jardim entraram noite passada. Eles esvaziaram os pés de frutas cítricas nos jardins dos Hsu e dos Talcott. No processo, pisotearam o que havia sobrado dos jardins de inverno e muito da plantação para primavera.

Meu pai disse que precisamos organizar uma vigília regular. Ele tentou chamar uma reunião da associação de moradores para esta noite, mas é a noite de trabalho de algumas pessoas, incluindo Gary Hsu que dorme sempre no trabalho, e que tem de contar o que houve em pessoa. Ficou combinado de nos encontrarmos para uma reunião no sábado.

Enquanto isso, meu pai juntou Jay Garfield, Wyatt e Kayla Talcott, Alex Montoya e Edwin Dunn a fim de patrulhar o bairro em dupla e armados. Isso significa que, com exceção dos Talcott que já são um par - e que estão tão raivosos quanto a seu jardim que eu tenho pena de qualquer ladrão que entrar em seu caminho- , os outros precisam encontrar parcerias entre os demais adultos do bairro.

“Encontre alguém em quem você confia pra ficar na sua retaguarda,” eu ouvi meu pai falar ao pequeno grupo. Cada par deve fazer a patrulha em turnos de 2 horas do momento em que escurece até o momento do amanhecer. A primeira patrulha, ao andar por e olhar para os jardins de trás das casas faria as pessoas se acostumarem à ideia de vigias, enquanto ainda estivessem acordadas o suficiente para entender.

“Tenha certeza de que eles vejam você, se você estiver na primeira vigília,” meu pai disse. “Ver vocês irá lembrá-los de que haverão vigias por toda a noite. Não queremos ninguém confundindo vocês com ladrões.” Sensível.

As pessoas vão para cama cedo depois que escurece, a fim de economizar eletricidade, mas entre o jantar e a escuridão elas passam algum tempo nas varandas ou nos quintais – onde não faz tanto calor. Alguns ouvem seus rádios nas varandas de trás ou da frente. De vez em quando as pessoas se reúnem para

tocar música, cantar, jogar jogos de tabuleiro, falar, ou sair da parte pavimentada da rua para jogar vôlei, futebol de toque, basquete ou tênis. As pessoas costumavam jogar baseball, mas simplesmente não podemos pagar os custos disso em janelas. Algumas pessoas acham uma esquina e leem algum livro enquanto ainda há luz. É um tempo bom, confortável e recreativo. Que pena atrapalhá-lo com lembretes da realidade. Mas não há como ser de outra forma.

"O que você vai fazer se pegar um ladrão?" Cory perguntou ao meu pai antes dele sair. Ele estava no segundo turno, e ele e Cory estavam tendo uma rara xícara de café juntos na cozinha enquanto ele esperava. Café era para ocasiões especiais. Eu não podia ignorar o cheiro bom no meu quanto, onde eu ainda estava acordada.

Eu espionei. Eu não ponho copos de vidro nas paredes ou encosto meus ouvidos nas portas, mas eu costumo ficar acordada depois que anoitece quando nós, crianças, deveríamos todas dormir. A cozinha fica em frente ao hall do meu quarto, a sala de jantar é perto do final do hall e o quarto dos meus pais fica na outra porta.

A casa é velha e bem protegida. Se há uma porta fechada entre mim e a conversa, eu não posso ouvir direito. Mas à noite, com todas ou quase todas as luzes apagadas, eu posso deixar a porta do meu quarto um pouco aberta, e se as outras portas estão também abertas, posso ouvir um monte. Eu aprendo muito.

"Nós vamos persegui-lo, eu espero," meu pai disse. "Nós combinamos isso. Nós daremos um bom susto nele e o deixaremos ciente de que há formas mais fáceis de conseguir uns trocados."

"Uns trocados...?"

"Sim, isso mesmo. Nossos ladrões não roubaram toda aquela comida porque estavam famintos. Eles esvaziaram aquelas árvores – pegaram tudo o que podiam."

"Eu sei," Cory disse. "Eu levei alguns limões e uvas para ambos os Hsus e os Wyatts hoje e lhes disse que eles poderiam colher frutos de nossas árvores quando precisassem mais. Levei para eles algumas sementes também. Todos eles

tiveram um monte de plantinhas espezinhadas, mas a esta altura da estação, ainda podem reparar o dano."

"Sim." Meu pai fez uma pausa. "Mas você entende meu ponto? As pessoas roubam dessa maneira por dinheiro. Elas não estão desesperadas. Só gananciosas e perigosas. Nós devemos ser capazes de assustá-las para que busquem formas mais fáceis de roubo."

"Mas e se vocês não puderem?" Cory perguntou, quase num suspiro. Sua voz ficou tão baixa que eu tive medo de perder algo. "Se vocês não puderem, vão atirar neles?"

"Sim," ele disse.

"... sim?" ela repetiu naquele mesmo tom de voz.

"Somente... 'sim?'" Ela estava como Joanne de novo – a negação personificada. Em que planeta pessoas como elas vivem?

"Sim," meu pai disse.

"Por quê!"

Houve um longo silêncio. Quando meu pai falou de novo, sua própria voz havia se tornado bastante suave. "Baby, se essas pessoas roubarem o suficiente, nos forçarão a gastar mais do que podemos em comida – ou a ficar famintos. Nós vivemos na borda como ela é. Você sabe o quão duras são as coisas."

"Mas... não poderíamos simplesmente chamar a polícia?"

"Para quê? Não podemos pagar suas taxas, e de qualquer forma, eles não dão atenção até que o crime seja cometido. Mesmo aí, se você os chama, eles não aparecerão por horas – talvez nem sequer em dois ou três dias."

"Eu sei."

"O que você está dizendo então? Você quer que as crianças sintam fome? Você quer que os ladrões venham às casas depois de ter roubado tudo dos jardins?"

"Mas eles não têm feito isso."

"Claro que têm feito. A sra. Sims foi somente a sua última vítima."

"Ela vivia só. Sempre dissemos que ela não deveria viver dessa forma."

"Você quer acreditar que eles não machucarão você ou as crianças apenas por que somos sete? Baby, não podemos viver fingindo que é como há vinte ou trinta anos atrás."

"Mas você pode ir parar na prisão!" Ela estava chorando – não soluçando, mas falando com aquela voz-cheia-de-lágrimas que ela conseguia fazer às vezes.

"Não," meu pai disse. "Se tivermos de atirar em alguém, estamos juntos nisso. Depois de atirarmos nele, o levamos para a casa mais próxima. Ainda é legal atirar em invasores de casa. Depois disso, fazemos um pequeno estrago e formulamos a história direito."

Longo, longo silêncio. "Você ainda pode se meter em confusão."

"Eu vou arriscar."

Outro silêncio longo. "Não matarás," Cory suspirou.

"Neemias quarto," ele disse. "Verso 14."

Não houve mais nada. Alguns minutos depois, eu ouvi meu pai sair. Eu esperei até ouvir Cory ir até seu quarto e fechar a porta. Então, me levantei, fechei a minha porta, movi minha luminária de modo que a luz não pudesse ser vista por debaixo da porta, então a acendi e abri a bíblia da minha avó. Ela tinha muitas bíblias e meu pai tinha me deixado ficar com essa.

Neemias, capítulo quarto, Versículo 14: "E olhei, e levantei-me, e disse aos nobres, aos magistrados, e ao restante do povo: Não os temais; lembrai-vos do grande e terrível Senhor, e pelejai pelos vossos irmãos, vossos filhos, vossas mulheres e vossas casas."

Interessante. Interessante que meu pai tivesse aquele verso pronto, e que Cory o tivesse reconhecido. Talvez eles já haviam tido essa conversa antes.

SÁBADO, 15 DE MARÇO DE 2025

É oficial.

Agora temos vigilância regular no bairro – um conjunto de gente de todas as casas com mais de dezoito anos, habilidade com armas – as suas próprias e as dos outros – e que seja considerada responsável por meu pai e pelas demais pessoas que têm patrulhado o bairro. Como nenhum dos vigias jamais foi policial ou guarda, trabalharão em dupla, cuidando uns dos outros assim como do bairro. Eles usarão apitos para chamar por ajuda caso precisem. Além disso, se encontrarão uma vez por semana para ler, discutir e praticar técnicas de arte marcial e tiro. Os Montoya vão oferecer as aulas de artes marciais, tudo bem, mas não por minha sugestão. O velho sr. Hsu anda tendo problemas nas costas, e não dará aulas de nada for um tempo, mas a dos Montoya parece ser suficiente. Eu planejo assistir às aulas tanto quanto eu possa para assim compartilhar as dores de todas as pessoas durante as práticas.

Meu pai pegou de volta todos os seus livros que estavam comigo nesta manhã. Tudo o que restou foram minhas notas. Eu não ligo. Graças aos ladrões de quintal, as pessoas estão se preparando para o pior. Eu quase me sinto grata aos ladrões.

Eles não voltaram, diga-se de passagem – nossos ladrões.

Quando vierem, nós seremos capazes de dar a eles algo que não esperam.

SÁBADO, 29 DE MARÇO DE 2025

Nossos ladrões fizeram outra visita noite passada.

Talvez não tenham sido os mesmos, mas as intenções eram: levar algo que outra pessoa suou para cultivar e de que muito precisava.

Dessa vez eles foram atrás dos coelhos de Richard Moss.

Aqueles coelhos eram os únicos animais criados no bairro, com exceção de algumas galinhas que os Cruz e Montoya tentaram criar há alguns anos atrás. Elas foram roubadas tão logo ficaram velhas o suficiente para fazer som e serem ouvidas pelas pessoas de fora. Os coelhos dos Moss haviam sido nosso segredo até este ano, quando Richard Moss insistiu em começar a vender escondido carne e o que mais suas esposas pudessem fazer, de pedaços crus a tostados, fora do bairro. Os Moss têm vendido o tempo todo a nós, é claro, carne, couro, fertilizantes, tudo exceto coelhos vivos. Estes eles acumulam como estoque de reprodutores. Mas agora, teimoso, arrogante e ganancioso, ele decidiu que poderia lucrar mais caso vendesse sua mercadoria fora. Então agora os malditos coelhos estão na boca do povo e noite passada alguém veio apanhá-los.

A casa de coelhos de Moss é uma garagem para três carros reformada e anexada à propriedade nos anos 80, segundo meu pai. É difícil acreditar que alguma família alguma vez chegou a ter três carros, e alimentados a gás. Mas, eu lembro da velha garagem antes de Richard Moss transformá-la. Era imenso com três grandes marcas de óleo no chão, onde três carros foram anteriormente guardados. Richard Moss consertou as paredes e o teto, pôs janelas para a ventilação correr e, de modo geral, fez do espaço um lugar quase habitável. De fato, é muito melhor do que o que várias pessoas têm lá fora. Ele construiu fileiras de gaiolas em diferentes níveis e pôs mais luzes elétricas e ventiladores de teto.

Os ventiladores funcionam com a energia das crianças. Ele as engancha ao quadro de uma bicicleta velha, e cada criança dos Moss, que é já crescida o suficiente para lidar com os pedais, mais cedo ou mais tarde, é delegada a produzir energia pros ventiladores. Os filhos de Moss odeiam isso, mas eles sabem o que conseguiriam caso não o fizessem.

Eu não sei quantos coelhos os Moss têm agora, mas ao que parece eles estão sempre matando, tirando a pele e fazendo coisas repugnantes com eles. Mesmo um pequeno monopólio acarreta um monte de problemas.

Os dois ladrões conseguiram encher sacos de lona com 13 coelhos à altura em que os vigias os flagraram. Os vigias eram Alejando Montoya e Julia Lincoln, uma das irmãs de Shani Yanni. A Sra. Montoya estava com dois filhos doentes de flu então estava fora da escala de vigílias por enquanto.

A Sra. Lincoln e o Sr. Montoya seguiram o plano que o grupo de vigilantes havia criado junto nos encontros. Sem nenhuma palavra de comando ou alerta, eles atiraram para o alto duas ou três vezes cada, ao mesmo tempo, espalhando o aviso em potência máxima. Eles continuaram abrigados, mas, dentro da casa dos Moss, alguém acordou e ligou as luzes da casa de coelhos. Isso poderia ter sido um erro letal para os vigilantes, mas eles estavam escondidos atrás dos pés de romã.

Os dois ladrões correram como coelhos. Deixando para trás sacos, coelhos, chaves de fenda, uma longa bobina de corda, cortadores de cerca, e até mesmo uma longa e excelente escada de alumínio, na qual eles subiram para pular o muro em questão de segundos.

Nosso muro tem três metros de altura e pedaços de vidro quebrado bem como uma típica cerca de arame farpado, e a cerca de Laser, que é tudo menos invisível. Todas as cercas foram cortadas a despeito de nossos esforços. É uma pena que não pudéssemos pagar para eletrificá-las ou para armar outras armadilhas. Mas, pelo menos, o vidro – a mais velha e mais simples de nossas armadilhas – havia pego um deles. Esta manhã nós encontramos uma poça grande de sangue seco no chão, próximo à parte de dentro do muro.

Também encontramos uma pistola Glock 19 onde um dos ladrões havia pulado. A Sra. Lincoln e o Sr. Montoya poderiam ter sido atingidos. Se os ladrões tivessem perdido a cabeça, poderia ter havido troca de tiros. Alguém na casa dos Moss ou em alguma casa vizinha poderia ter saído ferido ou morto.

Cory veio ter com meu pai sobre isso assim que ficaram a sós na cozinha esta noite. “Eu sei,” meu pai disse. Ele parecia cansado e infeliz. “Não pense que não consideramos todas essas coisas. É por isso que queremos espantar para longe os ladrões. Mesmo atirar para o alto não é seguro. Nada é seguro.”

“Eles fugiram desta vez, mas nem sempre eles fugirão.”

“Eu sei.”

“E então? Você protege coelhos e laranjas e talvez uma criança seja morta?”

Silêncio.

“Não podemos viver dessa forma!” Cory berrou. Eu pulei. Jamais a ouvi soar daquela maneira antes.

“Nós vivemos desse jeito,” meu pai disse. Não havia raiva em sua voz, nenhuma resposta emocional sequer ao grito dela. Não havia nada. Cansaço. Tristeza. Eu jamais o ouvi soar tão cansado, tão... quase derrotado. E ainda assim ele havia vencido. Sua ideia havia posto para correr um par de ladrões armados sem ter de machucar ninguém. Se os ladrões tinham se machucado, isso era problema deles.

Com certeza eles voltariam, ou outros viriam. Isso aconteceria independentemente de qualquer coisa. E Cory estava certa. Os próximos ladrões poderiam não perder suas armas e correr. E aí? Deveríamos deitar em nossas camas, deixá-los levar tudo o que temos e torcer para que se contentassem com esvaziar nossos jardins? Em que ponto um ladrão se dá por contente? E como será passar fome?

“Nós não podemos passar por isso sem você,” Cory estava dizendo. Não estava gritando agora. “Poderia ter sido você lá fora, enfrentando criminosos. Da próxima vez pode vir a ser você. Você poderia ter sido atingido para proteger os coelhos do bairro.”

“Você percebeu,” meu pai disse, “que todos os vigilantes fora de serviço responderam ao sinal noite passada? Eles saíram para defender a comunidade.”

“Eu não ligo para eles! É com você que me preocupo!”

“Não,” ele disse. “Não podemos pensar mais dessa forma. Cory, não há ninguém para nos ajudar além de Deus e nós mesmos. Eu protejo a casa dos Moss a despeito do que penso sobre ele, e ele protege a minha, independentemente do que pensa a

meu respeito. Todos nós cuidamos uns dos outros." Ele fez uma pausa. "Eu tenho muitos seguros. Você e as crianças serão capazes de ficar bem caso..."

"Não!" Cory disse. "Você acha que é tudo sobre isso? Dinheiro? Você pensa...?"

"Não, baby. Não." Pausa. "Eu sei o que significa ser deixado só. Este não é um mundo para se estar só."

Houve um longo silêncio, e eu não achei que eles fossem dizer nada mais. Eu deitei na minha cama, me perguntando se eu deveria levantar e fechar minha porta, de modo que eu pudesse ligar a minha lâmpada e escrever. Mas houve um pouco mais.

"O que deveríamos fazer se você morresse?" ela questionou, e eu acho que estava chorando. "O que fazemos se eles atiram em você por causa de uns malditos coelhos?"

"Viva!" meu pai falou. "É tudo o que qualquer pessoa pode fazer agora. Viver. Resistir. Sobreviver. Eu não sei se tempos bons estão voltando. Mas eu sei que isso não terá importância se não sobrevivermos a esse tempo."

Esse foi o final da conversa deles. Eu deitei no escuro por um longo tempo, pensando no que eles haviam dito. Cory estava certa outra vez. Meu pai iria ferir-se. Ele talvez fosse morto. Eu não sabia o que pensar a esse respeito. Eu posso escrever sobre, mas eu não sinto isso. Em um nível profundo, eu não acredito nisso. Eu acho que sou tão boa em negar quanto qualquer outra pessoa.

Então Cory está certa, mas isso não importa. E meu pai está certo, mas ele não vai longe o suficiente. Deus é Mudança, e, no final, Deus prevalece. Mas Deus existe para ser moldado. Apenas sobreviver, mancando, jogando o jogo como de costume, enquanto as coisas vão piorando, não é suficiente para nós. Se é essa a forma que damos a Deus, então um dia nós nos tornaremos fracos demais – pobres demais, famintos demais, doentes demais – para defendermos a nós mesmos. Aí seremos exterminados.

Deve haver mais o que possamos fazer, um destino melhor que podemos moldar. Outro lugar. Outra maneira. Alguma coisa!

lauren olamina e eu nos portões do fim do mundo

jota mombaça

Em *The Undercommons*, Fred Moten e Stefano Harney abrem uma brecha para re-pensarmos o que estudar (*to study*) significa, especialmente o estudo preto (*black study*), compreendido aí como "estudo sem finalidade", estudo para a fuga, para o plano de fuga, isto é: para a fuga sem finalidade, para a fuga indefinida em meio à noite preta dos subcomuns. Como quando nos damos conta de que há algo condenado neste planeta e que não há para onde fugir senão rumo à própria fuga, ao domínio opaco, impreciso, mutante e especulativo da fuga. Estudar é fugir. É estudar para fugir, para habitar o desterro, a catástrofe e os outros mundos possíveis que se precipitam ao fim deste.

Lauren Olamina, personagem central do livro de Octavia Butler, *Parable of the Sower*, de onde os dois capítulos aqui traduzidos e publicados vêm, dá-se conta de que o mundo como lhe foi dado conhecer está por um fio. Lauren é hiperempática. Tem a habilidade de absorver as dores e intensidades de todas as coisas vivas à sua volta, e isso, ao mesmo tempo em que a enfraquece, parece permitir que ela se conecte com as forças que lhe cercam de maneira singular – uma conexão que se faz pela dor, num espaço afetivo compartilhado onde os efeitos das violências, dos eventos traumáticos, ainda que sufocantes, guardam também possibilidades de aprendizado. De estudo.

Na conversa com sua amiga Joanne – que toma quase o capítulo 5 inteiro –, ao ser confrontada quanto à impossibilidade de ler o futuro, Lauren responde: "é assustador, mas depois que você atravessa o medo, é fácil." Ler o futuro aqui não se trata de uma operação miraculosa, mas de um estudo, uma atenção aos diagramas de força e às coreografias do tempo, e não se limita à capacidade de fazer maus presságios – Lauren se recusa a parar por aí. Ler o futuro – isto é: as forças que estão em jogo na produção do futuro – é apenas o primeiro passo rumo a uma ação cujo sentido é o de moldá-lo, agir sobre ele.

Cada capítulo de *Parable of the Sower* inicia com versos de um outro livro, escrito por Lauren e chamado *Earthseed: o livro das coisas que vivem*[1]. Trata-se de uma teologia experimental que reposiciona Deus e o inscreve como Mudança – força tão irresistível e inexorável quanto maleável e caótica: *God exists to be*

1. No original, *The book of the living*.

shaped. Existe para ser moldado, assim como o futuro. Por isso, para Lauren, o fim do mundo não é o fim da linha. Sua aposta no futuro, no entanto, não deve ser confundida com um otimismo, porque não resta dúvida de que as coisas piorarão, mas é justamente a partir dessa consciência trágica do colapso em curso que é possível elaborar as rotas e táticas para a fuga.

Eu comecei a ler Octavia Butler há pouco mais de um ano. *Parable of the Sower* foi o primeiro livro com que tive contato, e desde então, por diversas vezes, retornei a ele. Minha atitude perante esse livro foi e tem sido a mesma de Lauren perante os livros velhos da biblioteca de casa: retorno a ele com a aposta de aprender, nas linhas e entrelinhas, coisas que possam ajudar a passar pelos tempos que se desenham.

A grande sacada da ficção especulativa é a de representar do futuro aquilo que está já em jogo no presente. Se o mundo em que estamos não é o mesmo de Lauren Olamina, ainda assim é possível perceber as conexões, os encontros e o modo como as forças que operam agora podem levar à situação imaginada por Butler. Afinal, não é difícil olhar pra este tempo desde o qual eu escrevo e reconhecer nele os sinais do fim de um mundo. Digo, conforme aprendi com Lauren: "é assustador, mas depois que você atravessa o medo, é fácil."

A velocidade de atualização do colapso no presente imediato e sua ressonância com processos necropolíticos históricos fizeram de mim uma criatura incontornavelmente pessimista perante o futuro. Ser pessimista, no entanto, não significa desistir ou aceitar uma imagem fixa do apocalipse universal como destino último de toda forma de vida. Falo de um pessimismo vivo, capaz de refazer indefinidamente as próprias cartografias da catástrofe, com atenção aos deslocamentos de forças, aos reposicionamentos e coreografias do poder. No limite, falo de um pessimismo que é nada mais que um estudo, no sentido trazido aqui a partir de Moten e Harney: um plano de fuga.

Para Lauren, olhar o abismo do futuro e lidar com as realidades, por devastadoras que sejam, é determinante para a sobrevivência. Da mesma forma, gosto de perceber este tempo em sua crueldade e miséria, em sua crueza e desencanto, porque suspeito que não possamos simplesmente

superá-lo ou transcendê-lo. Não se deixa para trás o que está por todo lado, mas também não se pode aceitar que o que está por todo lado estará para sempre aqui. Se o futuro está para ser moldado, e o presente é colapso, "aprender a desesperar"[2] é a condição da esperança, e esgotar o que existe é a condição de abertura dos portões do impossível.

2. Tomo essa expressão emprestada de Rita Natálio em seu texto "The end of the world – The bending of the world, disponível aqui http://departuresandarrivals.eu/en/texts/focus-artists-texts/the-end-of-the-world---the-bending-of-the-world-553.

#Publicação comissionada pela Fundação Bienal de São Paulo em ocasião da 32a Bienal de São Paulo - Incerteza Viva.

#Publication commissioned by Fundação Bienal de São Paulo on the occasion of the 32a Bienal of São Paulo - Incerteza Viva.

oficina lugar de agência e afetos entre modos de fazer, aprender e cuidar
imaginação política intervenção nos sistemas de (re-)produção e invenção de mundos
implicação ética nas contradições e paradoxos das coletividades

OIP é uma iniciativa que se manifesta por meio de grupos de pesquisa, leituras públicas, apresentações, oficinas, intervenções, instalações, escrita, tradução e produção de publicações como esta. no contexto da 32a bienal de são paulo: incerteza viva, a oficina se constitui pela colaboração entre jota mombaça, rita natálio, thiago de paula, valentina desideri, diego ribeiro e amilcar packer.

FANPAGE OIP

FONTES NEUZEIT S, GEORGIA E UNIVERS

Octavia E. Butler (1947-2006) foi uma escritora afro-americana de ficção científica. Ao longo de sua vida, escreveu inúmeros livros com mulheres negras como personagem central, inserindo dessa maneira os tópicos de raça e gênero no mundo da ficção científica.

Jota Mombaça é ensaísta e performer. É uma bicha não binária, nascida e criada no Nordeste do Brasil, que escreve, performa e faz estudos acadêmicos em torno das relações entre monstruosidade e humanidade, estudos kuir, giros descoloniais, interseccionalidade política e tensões entre ética, estética, arte e política nas produções de conhecimentos do sul-do-sul globalizado.